



Manoel Mendonça Souza

### **PSICOPATOLOGIA E SUBJETIVIDADE SOB O OLHAR PSICODRAMÁTICO: um líquido azul no horizonte.**

Maria é uma jovem de 33 anos de idade, solteira, que, por volta dos 20 anos de idade, iniciou um processo psicoterápico devido crises de pânico, medo de chuva e não andar sozinha pelas ruas, e nem mesmo de ônibus. Havia perdido o pai por morte súbita após um período de separação do casamento, e do mesmo ter se envolvido com uma jovem de idade próxima à sua. Nessa época estava namorando um rapaz que dizia estar envolvido com drogas, e que sabia não ter futuro tal relacionamento, mas não concebia a idéia de terminar o namoro. Após um período de tratamento psicoterápico em grupo, abandonou o processo. Anos mais tarde retorna ao trabalho, novamente em psicoterapia de grupo. O grupo é composto por quatro mulheres e três homens. Havia terminado o namoro, julgando-se incapaz para um novo relacionamento e desenvolvido uma doença auto-imune, chamada de Lupus Eritematoso Sistêmico.

Em uma das sessões, ao descrever a reagudização de sua doença, as fortes dores e edemas nas articulações, foi lhe proposto um Psicodrama Interno (nota 1). Fazendo um recorte na sessão, segue seu depoimento a respeito de sua experiência:

“A sala esta pouco iluminada, deitei no chão um pouco nervosa e, depois a pedido do Dr. Manoel, tentei relaxar e me concentrar...

Comecei a sentir cada parte do meu corpo individualmente, primeiro os pés, as pernas, as mãos e assim por diante. Neste dia estava com dores nas articulações das mãos, e isso me incomoda muito. Passei então a imaginar como seria o Lupus dentro de mim. Vi claramente o lúpus sendo representado por um líquido, não muito ralo e de cor azul que saía da minha cabeça e descia para todo o meu corpo. Nas partes em que estava sentindo muita dor, e nas áreas lesionadas das mãos, eu sentia uma maior concentração do líquido. A primeira sensação foi de que o líquido tomava conta de todo o meu corpo, inclusive se misturava ao sangue, dando a impressão de ser impossível de ser retirado. Depois percebi que o líquido vinha da cabeça e que o mesmo era produzido por mim mesmo e, sendo ele produzido pelo

meu organismo, imaginei a possibilidade de conseguir retirá-lo e limpar meu sangue. Cheguei à conclusão de que quem controla a doença sou eu mesma. Sou eu quem produz a quantidade de “líquido azul” que percorre o meu corpo.”

Algumas indagações emergem desse relato: O porquê dessa maneira de cristalizar a vida em sofrimento? Quais papéis estão desempenhando? O quê levaria uma jovem saudável até então a desenvolver uma doença de tal gravidade? Quais são as interligações que poderiam existir entre o quadro de pânico, até então vivenciado como o posterior desenvolvimento do Lúpus? Como o comprometimento da vida afetiva contribui para a perpetuação de um sofrimento psíquico que se alia a um sofrimento corporal? Como estruturada está sua matriz de identidade? Qual a razão da perda de sua espontaneidade-criatividade?

Tais questionamentos revelam a importância de que na nossa prática diária possamos distinguir com clareza o objeto de nossa intervenção profissional, o sujeito, dos conceitos pelos quais nos determinamos e guiamos nossas condutas, a nossa referência teórica. A disciplina científica que estuda a doença mental em seus vários aspectos: suas causas, as alterações estruturais e funcionais relacionadas, suas formas de manifestação (sinais e sintomas), através do comportamento, cognição e experiências subjetivas anormais, é chamada de Psicopatologia: o conjunto de conhecimentos referentes ao adoecimento mental.

Psyché significa alma, páthos, sofrimento ou doença e logos, estudo ou ciência. Psicopatologia termo criado por Jeremy Bentham em 1817, segundo Cheniaux (2005)

Para Dalgalarrondo (2000), “o objeto de estudo da Psicopatologia é um construto historicamente constituído que vem sendo denominado como doença ou transtorno mental. São vivências e comportamentos anormais que são específicos do adoecimento mental. Essas vivências psicopatológicas podem ser diferentes das normais, tanto quantitativamente como qualitativamente. Assim, a psicopatologia, como o ramo da ciência que trata da natureza essencial do sofrimento mental, nos leva a observar, identificar descrever e compreender os diversos elementos da doença mental. Produz um conhecimento em permanente construção, sujeito a revisões, críticas e reformulações.”

Tal conhecimento, entretanto, não autoriza a quem supostamente acredita detê-lo a determinar qual seria a verdade que se manifesta por de traz de tal experiência. Qual o sentido e qual significado do “líquido azul”? Somente Maria sabe, ou saberá um dia. No entanto, lançar mão de instrumentos que possam ser um facilitador na descoberta e revelação de tal verdade, é que é a tarefa do profissional. Um desses instrumentos é a Psicopatologia, que desenvolvida na relação, nos auxilia e torna-se um facilitador ao uma possibilidade de como lidar com o pathos humano.

Tal pathos diz respeito não só ao adoecer, como uma doença psiquiática e/ou orgânica, mas também como sofrimento, paixão, padecimento. Há uma razão que leva Maria a construir um sofrimento, a trocá-lo por outro, uma estruturação de vida que somente a ela compete, que por mais que perguntemos, por maiores que sejam as indagações, as respostas somente poderão ser construídas em uma relação que revela algumas dessas questões, mas não por determinismos construídos a priori.

Abreu, em *Introdução à psicopatologia compreensiva* (2009), afirma: “sujeito do conhecimento, tal como um cientista, esforça-se por construir modelos dessa realidade com vista à previsão dos acontecimentos. A verdade resulta da adequação dos modelos aos fatos previstos, o que não implica que exista uma verdade absoluta e muito menos uma realidade incorporada no sujeito ou sequer conhecida em toda a sua extensão.”

Descreve a isso que conceitua como realidade do sujeito, uma metáfora do horizonte, onde, por mais que se queira alcançar, jamais poderemos ter acesso a esse horizonte, devemos nos contentar com a caminhada em direção ao mesmo, mas não podemos alcançá-lo Assim é a realidade psíquica do sujeito. É uma construção teórica, uma idéia que podemos ter do seu mundo subjetivo. Tal como o horizonte, somente podemos caminhar até ele, sem jamais chegar ao objetivo final. Não poderemos concluir a experiência de obter toda a realidade psíquica do sujeito, mas teremos que nos contentar com a construção de toda a experiência de revelação dessa subjetividade. Teremos o processo da caminhada e não o ponto final.

A partir das questões “O que é o homem?”, “O que se entende pela expressão ser humano?”, Qual o sentido do sofrimento que Maria diz produzir? O que tornaria capaz de produzir o seu “líquido azul”?

Quais os conceitos e construtos teóricos que se utiliza para justificar o uso de quaisquer instrumentos de intervenção e a sua maneira de ser manuseado.

É na práxis, na relação terapêutica, que tal conceituação de homem definirá e interferirá no fazer profissional. Nos dias de hoje, há uma busca por uma racionalidade objetiva para compreender os estudos das doenças mentais. No entanto, hoje sabemos que Psicopatologia não se refere apenas ao sofrimento mental, no sentido de doença, nem mesmo oposto de normalidade. A partir de Freud, com a descoberta do inconsciente, Psicopatologia tornou-se um conceito mais abrangente, traduzindo a expressão singular do sofrimento humano, como também as suas diversas formas de se colocar no mundo, as diversas escolhas e opções que adota perante as possibilidades que a vida lhe apresenta. O preço que cada um está disposto a pagar pela tomada de decisão, pela troca de um determinado sofrimento por outro muito dos quais não conseguimos compreender.

Cabe inclusive uma questão: existira algum estado mental que não seja psicopatológico? Assim, Psicopatologia necessita ser compreendida como o estudo dos fenômenos psíquicos conscientes e inconsciente tal como se apresenta. Aquilo que o sujeito vivencia interna e externamente, no momento da experiência vivida. Não se limita ao sistema classificatório das doenças mentais manual de diagnósticos como o CID-10, onde os diagnósticos são compartilhados, onde as idéias pragmáticas se presta a uma realidade clínica pragmática. Tais critérios exatos são como etiquetas diagnósticas que corresponde a essa realidade clínica, mas não corresponde a natureza e a essências das questões psicopatológicas, a natureza das coisas, das experiências vividas.

Uma nova questão se impõe? De qual natureza estamos falando? Será que existe uma natureza humana? Não nos cabe aqui tentar responder, pois nos afastaríamos do caminho que nos propomos a percorrer. Mas uma pergunta torna-se primordial. O que é o sujeito que nos referimos? O que podemos entender por subjetividade?

Tentando responder a tal questionamento podemos fazer um recorte teórico, mergulhando em águas rasas da história. O que é a *physis*? Palavra grega que pode ser traduzida por natureza, cujo significado mais amplo refere-se à realidade, transformação daquilo que está em movimento, que nasce e se transforma. Há sempre uma busca pelo princípio de tudo. Para Tales, pela tradição, o primeiro filósofo “tudo começa na água”. Para Anaximandro, contemporâneo de Tales, o princípio é *ápeiron*, o indeterminado ou ilimitado. O meio termo entre eles é representado por Anaxímenes, para quem o comando do mundo é o ar, a *arkhé*. Nos meados do século VI a.C. para Pitágoras “tudo é matemática”. Já em Protágoras (c. 485-410 a.C.) “o mundo é aquilo que o homem faz e desfaz por intermédio dos sentidos. O homem é a medida de todas as coisas”.

Sócrates (c.469 ou470 a.C.) é um marco filosófico. Era o “homem que perguntava”, não ensina, apenas que aprender. A ele interessam o homem e suas ações tidas como virtuosas, numa época em que ser virtuoso, era quase sinônimo de cidadão. Conhecer as virtudes torna-se seu principal objetivo. Assim, virtude e conhecimento tornam-se sinônimos.

Platão (c. 428-347 a.C.) é o mais importante continuador da obra de Sócrates, dando à Filosofia a sua primeira sistematização, produzindo um saber positivo, ao contrário de Sócrates que produzia um saber negativo (saber que nada sabe). Platão supõe a existência de um deus, o Demiurgo (fabricante ou artesão) que reproduz a beleza das idéias já existentes, como também a existência de dois mundos: um mundo sensível onde cada um se apega às aparências das coisas e as transforma em sua verdade e um mundo supra-sensível ou inteligível, o mundo das essências (*eidos*, idéia ou forma).

Discípulo de Platão, Aristóteles diverge de seu mestre, dizendo que o mundo inteligível é uma ficção desnecessária e inútil, restando apenas o conhecimento do mundo sensível, onde os sentidos captam as coisas individuais. Esse é o ponto de partida. Para Aristóteles o homem é um animal político – *zoón politikón*- que vive naturalmente em sociedade.

No século III, declínio do Império Romano, surge Plotino, retornando o neoplatonismo. Os vários temas de Plotino convergem para uma única questão: o início de tudo, o Uno, de quem tudo decorre. Não é acessível aos sentidos e ao intelecto, está, além disso; o Uno é transcendente absoluto. Ao homem cabe a prática do bem, unificando-a em suas ações, impondo-lhes uma medida e um limite. Nessa unificação o homem se assemelha ao Uno. Com o surgimento e difusão do cristianismo, criou-se um confronto entre a fé e a razão, confronto esse que será superado por Santo Agostinho onde a fé reabilita a razão: “se a razão, na busca de sua certeza, depara com a fé em Deus, é também a fé que permite resgatar a dignidade da razão: “Compreender para crer, crer para compreender” (99). Para Santo Agostinho, “Deus, como o Uno de Plotino, é o transcendente absoluto, indivisível, pois nada se compara à sua divina perfeição”.

Santo Tomás de Aquino percorre um caminho até Deus. Para ele há um domínio comum à razão e à fé, necessitando-se demarcar tal território com precisão. Tal domínio é o do ser, que é em primeiro lugar a realidade do mundo sensível. Concordando com Aristóteles, afirma que o conhecimento racional provém inicialmente dos sentidos, das sensações. O intelecto abstrai a individualidade das coisas, depurando-lhe a matéria, resultando as forma. Assim, o intelecto é o agente, responsável pelo conhecimento efetivo das coisas. Somente Deus é ato puro, então o intelecto humano, para não se comparar com Ele, não pode ser somente ato, mas também imperfeição. Cada homem deve possuir um intelecto agente e um intelecto possível, que constitui a sua alma individual. Essa individualidade da alma faz conceber o homem como dono de seus próprios atos, único responsável pelos seus pecados.

Em um novo salto, Europa no século XIV, surge o que foi chamado de Renascimento, retomada da razão e do espírito científico, após a “longa noite medieval” (129), a Idade Média. “O homem é o modelo do mundo” disse Leonardo da Vinci, o que sintetiza o pensamento na época do Renascimento e suas realizações. Nesse mesmo período, Giordano Bruno proclama, e acredita em Deus. Não um Deus transcendente, acima de tudo e de todos, quase inacessível. Ao contrário, é imanente às coisas; encontra em tudo e em todos. Deus é natureza. O princípio vital que anima o mundo e os seres. O mundo é esse ser vivo e divino, em constante movimento, a terra e tudo o que ela contém, para assegurar a manutenção e a renovação constante da vida.

Século XVII, surge a Filosofia Moderna. Se desde a Grécia Antiga a razão pode pretender abarcar o mundo, por que de certa forma o próprio mundo era concebido como racionalmente ordenado e unificado, nos tempos modernos cabe à razão a tarefa de reunificar o mundo, reproduzi-lo e representá-lo. Com isso, o mundo e a razão tornam-se duas coisas distintas, separadas, que só se relacionam na representação. Assim, a relação entre a razão e o mundo é uma relação desigual. “A razão antecede às coisas exteriores e as subordina. É autônoma, livre, independente do mundo. É sujeito, aquilo que subsiste, o fundamento. A razão é o fundamento do mundo transformado em objeto, ou seja, ‘aquilo que está colocado diante de um sujeito, e que só pode existir tendo como referência o sujeito. A partir daí surge o’ sujeito do conhecimento” e “objeto do conhecimento” (188)

Para Descartes (1596-1650), que criou a famosa fórmula “Penso, logo existo”, a apreensão dos objetos percebidos passa necessariamente pela consciência do sujeito pensante. “Em ‘As paixões da alma’ reexamina o tema da relação entre o corpo e a alma, que são distintas entre si: enquanto a alma é uma coisa que pensa, o corpo é uma coisa extensa, isto é, matéria dotada de movimento, como uma máquina.” (200). Segundo “Descartes, a união entre a alma e o corpo – que possibilita a relação entre cogito com o mundo- é dada por um órgão situado na parte inferior do cérebro: a glândula pineal.(201) .

Uma nova virada filosófica ocorre com Espinosa, nascido em 1632, Amsterdam. Para ele, “Deus é natureza, mas não criador. Deus é causa, mas causa imanente: causa e efeito está em Deus, acabando por dar uma solução para a problemática cartesiana.” A relação entre corpo e alma, no homem explica-se através de uma relação expressiva. O corpo e a alma expressam-se mutuamente, e consiste a unidade imanente do homem.

Século XVII, o século das luzes. A Luz, metáfora da razão, desde Platão, torna-se a grande palavra de ordem. Newton, em 1687, ao publicar Princípios Matemáticos da Filosofia Natural, desenvolve a base que viria a ser a grande revolução da física. O grande objetivo desse tempo é a construção de uma teoria física unificada capaz de explicar todos os fenômenos da natureza. Essa teoria É chamada de teoria da gravitação universal, o que mostra ser o universo físico sujeito às mesmas leis de gravitação, e as mesmas leis de movimento. O Iluminismo fala em nome da razão – a luz- não mais como recriação da razão divina, mas sim como uma aventura humana: a capacidade de descobrir.

Sob as Luzes na Alemanha, surge Kant (1724-1804), que não poupa a metafísica que pretendia construir uma completa concepção sobre Deus, a alma e o mundo. Por isso propõe uma crítica à razão, onde ao mesmo tempo, será ela colocada no banco dos réus e juiz, concomitantemente, pois somente a própria razão tem competência para o autojulgamento. Escreve “Crítica da Razão Pura”, sua obra mais célebre.

Immanuel Kant, por sua vez, afirma que “experimentamos apenas a superfície das coisas, isto é, os fenômenos- o que esta aparente -, mas não a verdadeira coisa em si. O conhecimento é, então, o resultado da atividade mental, que organiza as sensações de acordo com categorias apriorísticas, tais como espaço, tempo, etc.” (p25).

Final do século XVIII e início do século XIX, o sentimento vence a razão, surge na Alemanha, o Romantismo. Uma nova forma de sensibilidade e de valores artísticos, cuja versão conceitual é o idealismo, a busca filosófica da totalidade.

Em 1807, Hegel publica “Fenomenologia do Espírito”. O ponto que mais lhe interessa é considerar o aspecto de processo que a mobilidade do real envolve. Compreender a realidade significa entender o modo como esse processo transcorre, e as leis que o regem. Sua pretensão é atingir o absoluto isto é, a inserção consciente do espírito na totalidade. Nesse processo, descreve sua passagem mais famosa a “Dialética do senhor e escravo”, onde a partir do desejo e do desejar ser reconhecido pelo desejo do outro, demonstra uma relação que ilustra o impasse da liberdade subjetiva - uma liberdade que só pode ser desfrutada graças à dominação do outro. Dependente do outro, a liberdade subjetiva nega essa dependência para se manifestar, desinteressando-se pelo mundo objetivo, e compensa essa perda interiorizando-se na subjetividade do eu. O homem é um momento de uma totalidade sistemática que o ultrapassa e na qual, ao mesmo tempo, ele encontra sua realização. O individual se explica pelo sistema, o particular pelo geral.

O pensamento contemporâneo é marcado pela proposta de Karl Marx (1818-1883), que segundo ele a filosofia só fizera interpretar o mundo, mas chegara o momento de transformá-lo, onde o que se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva, não teórica, mas sim “prática”. Para Marx, o homem torna-se um homem-coisa num mundo abstrato. Os homens aparecem como coisas, enquanto as coisas estabelecem relações sociais, isso faz com que os homens apareçam como abstratamente iguais. Assim “a

sociedade capitalista, mesmo dividida, aparece aos homens, inclusive aos trabalhadores, como realização dessa igualdade.” (350).

Nesse movimento, surge Schopenhauer, que afirma “não se poder submeter à vontade ao princípio da razão, vigente no universo da representação. A vontade é fundamento, mas ela própria não apresenta fundamento. A metafísica escapa à razão. A razão ao nos tornar conscientes da vontade como princípio, também nos ensina a não ser apenas seu prisioneiro.” (404).

Em Kierkegaard “há um forte sentimento da irreducibilidade do indivíduo, de sua especificidade e caráter insuperável de sua realidade. Não devemos buscar o sentido do indivíduo numa harmonia racional que anula as singularidades, mas sim na afirmação da própria individualidade. Individualidade não pode ser como conceito lógico, mas como solidão característica do homem que se coloca como finito perante o infinito. A individualidade define a existência.”. O Caminho da Verdade encontra-se somente na individualidade, no aprofundamento da subjetividade. A individualidade autêntica supõe a vivência profunda da culpa. A subjetividade em Kierkegaard tem um profundo significado a-histórico, que revela uma característica do Romantismo: uma concepção de existência que torna todos os homens contemporâneos de Cristo (407).

Na segunda metade do século XIX, início do século XX, Henri Bergson tenta explicar o papel do tempo e do movimento em todos os aspectos da realidade, o retorna à experiência imediata, a experiência como construção. A nossa experiência cotidiana e científica é apenas uma construção e não uma relação direta com as coisas.

Nesse mesmo período, Husserl constrói a Fenomenologia, conhecida como um método investigativo, cujo resultado de aplicação desse método foi o Existencialismo. A fenomenologia tornou-se mais conhecida como uma análise de como se forma, para nós, o campo da nossa experiência, lançando mão do conceito de intencionalidade para como se dá o “encontro” entre a subjetividade e os objetos.

Martin Buber (1878-1965) afirma: “no começo é a relação”, conhecido pela Filosofia do diálogo e pelos seus estudos do Hassidismo, que ensina a todos a presença de Deus no mundo. O conceito de relação para designar aquilo que de essencial acontece entre os seres humanos e entre o homem e Deus. O fato primordial do pensamento de Buber é a relação, o diálogo na atitude existencial do face-a-face.”. As principais categorias desta vida em



diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano. Zubem1974 (XLIII).

Marilena Chauí, em Convite à Filosofia fala de três grandes feridas no ser consciente, racional: primeiro Copérnico ao provar que a terra não estava no centro do Universo e que os homens não eram o centro do mundo. A segunda foi causada por Darwin, ao provar que os homens descendem de um primata, que são apenas um elo na evolução das espécies e não seres especiais criados por Deus para dominar a natureza. A terceira causada por Freud com a Psicanálise, ao mostrar que a consciência é a menor parte e a mais fraca da nossa vida psíquica. Em Cinco Ensaio sobre a Psicanálise escreve “A Psicanálise se recusa a considerar a consciência como constituindo a essência da vida psíquica, mas nela vê apenas uma qualidade desta, podendo coexistir com outras qualidades e até mesmo faltar (166).

Assim, na contemporaneidade, o sujeito torna-se compreendido como um todo é o centro e o objetivo da promoção de saúde. O que se procura compreender. é a sua manifestação subjetiva; sujeito compreendido como pessoa, persona, máscara, personagem, paciente, não no sentido de filantropia, de banalização da pessoa, daquele que está sujeito, submetido.

Esse sujeito, durante o século XIX, passou a ser compreendido em suas causas de doença mental como primariamente biológicas ou psicológicas. No final do século XIX, os neurologistas utilizavam o seu conhecimento crescente do sistema nervoso para associar sintomas neurológicos específicos (por exemplo, a paralisia) a lesões no cérebro, embora nem todas as perturbações do comportamento não pudessem ser explicadas pela neuroanatomia. A partir destas conclusões, na virada do século XX, a dimensão biológica toma seu lugar na compreensão do sujeito. Pliszka (2004).

A subjetividade é o mundo interior de todo e qualquer ser humano. Este mundo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos. Podemos ver o mundo a partir de uma comunidade intersubjetiva de semelhantes a nós e, a partir daí, contrapormos a realidade objetiva à realidade subjetiva. A intersubjetividade cria a condição de possibilidade de compreendermos uns aos outros seja na saúde ou na patologia, em toda singularidade e sutilezas inerentes a cada sujeito, “intuição do psíquico adquirida pelo interior do psíquico”, como disse Jaspers (1979).

Através da nossa subjetividade construímos um espaço relacional, ou seja, nos relacionamos com o "outro". Aquilo que é da ordem do sujeito que é único, não é uma discricção geral para o particular, mas sim singular. Assim, Psicopatologia é espaço no qual o sofrimento humano possa manifestar, não apenas sua matriz biológica, mas revelando sua característica de sua singularidade.

Para Souza (2002), “o sujeito é pensado como naturalmente social. Isso não significa ignorar seu papel de protagonista na construção de si mesmo, das instituições sociais e do

mundo, mas salientar sua afetividade construtiva e aquilo que, em seu ser, faz dele - de maneira irrecusável, ainda que conflituosa- um ser social.” Tal compreensão teórica pode ser traduzida pela afirmação de William James, citado por Gabbard (1998): “Sempre que duas pessoas se encontram, na verdade, há seis presentes. Há o indivíduo visto por si próprio, o indivíduo como as outras pessoas o vêem e o indivíduo como realmente é.”

O instrumento teórico proposto neste trabalho como condição de possibilidade para realizar intervenções práticas seja em nível do individual, ou grupal, é o método criado e proposto por Jacob Levi Moreno (2006), cujo objetivos desse método explicita em seu livro *Psicodrama, terapia de ação & princípios da prática*: “o objetivo do psicodrama foi, desde o começo, construir um conjunto terapêutico que usasse a vida como modelo, a fim de integrar nele todas as modalidades de viver, começando com os universais – tempo, espaço, realidade, cosmos-, a serem aplicados a todos os detalhes e nuances da vida e da realidade prática”.

É considerado e classificado como um método catártico, mas não se limita ao efeito catártico de ab-reação. Esse efeito catártico pertence também ao processo terapêutico, porém o que mais caracteriza tal método é a integração sistemática de toda uma cadeia *composta de cenas estruturadas, desempenho de papéis e ações dramáticas*. É uma sinfonia de sentimentos e de esforços, onde podem acontecer fenômenos de ab-reação. A realização de um psicodrama envolve inúmeros sentimentos, emoções, pensamentos, espontaneidade e criatividade. O que o torna eficaz não é a associação das palavras, mas sim, espontaneidade e a criatividade que influencia o processo associativo/ criativo.

Segundo Fonseca (2000), Moreno teve uma *fase mística (Palavras do pai)*, uma *fase teatral (Teatro da espontaneidade)*, uma *fase sociométrica (Who shall survive?)*. E também uma *fase psiquiátrica e psicoterápica*, que culmina com a publicação de seu primeiro livro específico sobre psicoterapia (*Psychodrama I*), em 1946. A *fase psiquiátrica e psicoterápica* permitiu que ele fundamentasse um método psicoterápico: o psicodrama.

Tal método tornou-se revolucionário, pois se fundamenta em duas características essenciais e complementares: primeiro- objeto da experimentação é o próprio sujeito que deve *atuar de maneira espontânea*. Assim subjetividade se revela *no status nascendi, ao desenvolver a ação, isto é*, que enquanto atua, perde todo controle sobre si mesmo, e torna-se ato puro, permitindo ao direto do que está ocorrendo no seu psiquismo. No psicodrama o inconsciente torna-se diretamente observável e experimentável; segundo- todos os

participantes do ato psicodramático tornam-se, ao mesmo tempo, sujeitos das experimentações e experimentadores; “os pacientes são tão experimentadores quanto o terapeuta e o terapeuta tão quanto o cliente que vem ao seu consultório”. A ação, mais completa e totalizadora do que a palavra, conduz à própria realidade.

Do cosmos veio o homem, e no cosmos se encontrará. A origem da palavra-princípio *Eu- Tu de Martin Buber* e do homem moreniano é a mesma – o homem é um ser cósmico.”. O homem seria cósmico e não somente social e individual. Podemos dizer que os processos espontâneo-criativos que se conectam e interagem com forças e climas desse EU primordial, e mais amplamente com forças e climas desse primeiro universo moreniano, remete-nos a uma subjetividade constituída intrinsecamente pelo outro e pelo Outro, em que a espontaneidade e criatividade são inerentes. Esses processos criativos podem tocar a unidade, e, assim, que a conquistam, ela é rompida, dividindo-se e juntando-se sem cessar, pois o sujeito é pluralidade, uma metamorfose ambulante, Silva (2010).

MARCELO GLEISER, em recente artigo no jornal Folha de São Paulo, intitulado “Das estrelas à vida” descreve, sob a ótica da física, o quanto o ser humano está vinculado ao cosmos e ao universo através do átomo de carbono. Ele escreve: “Esse carbono é o fundamento da vida. Todos os seres vivos, todas as células contêm esse elemento. Depois da água, somos essencialmente feitos de carbono... No ciclo do carbono, uma estrela é a mãe de todos e a vida inteira é uma grande família, unida pela química que nos permite existir”.

Para Moreno (1978), o sujeito emerge dos papéis que vai desempenhado desde a matriz de identidade onde se encontra inserido até os papéis sociais que desenvolve ao longo de sua existência. “O desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia, emerge dos papéis.” Corpo, psique e sociedade são, portanto, as partes intermediárias do eu total. O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. Assim estende o conceito de papel a todas as dimensões da vida. “A função do papel é penetrar no inconsciente, desde o mundo social, para dar-lhe forma e ordem”. Conceitualmente papel é a unidade da cultura; estando em contínua interação com o ego. Todo papel é uma fusão de elementos individuais e coletivos. Pode ser concebido como a maneira que o sujeito se posiciona perante as exigências da vida, as escolhas que faz, e também as que recusam a fazer os contra-papéis, que estabelece em

suas relações. A partir dos papéis desempenhados, espera-se que esse sujeito desenvolva sua espontaneidade-criatividade, fundamento do seu bem-estar no mundo

Para Moreno, “pode-se atribuir boa parte da psicopatologia e da sociopatologia humanas ao insuficiente desenvolvimento da espontaneidade, cujo “treinamento” é a melhor habilidade a ser ensinada aos terapeutas de todas as nossas instituições de ensino”. Quem sobreviverá?(2008).

Esse “treinamento” perpassa por toda a compreensão da subjetividade e dos aspectos psicopatológicos do sujeito, que possam contribuir na construção teórica do objeto de intervenção norteando a prática clínica. A não compreensão do sujeito em toda a sua singularidade e especificidade acaba por comprometer uma prática baseada apenas naquilo que o outro julga como o melhor, sem uma adequação a um modo de ser-no-mundo, que se torna construído por “achismos” e deduções a priori sem levar em conta toda uma elaboração teórica desenvolvida através dos séculos na busca de uma possível compreensão daquilo que se denominou como ser humano, hoje caracterizado como sujeito da sua própria existência. A importância de se levar em conta toda essa construção teórica pode ser compartilhada com autores e teóricos do Psicodrama atual, os chamados pós-morenianos.

Victor Dias é um deles. Em seu livro “Psicopatologia e Psicodinâmica na análise psicodramática (2006), relata *“aponta a importância da Psicopatologia e da compreensão do sujeito em sua subjetividade, para que se possa realizar um encontro, estabelecer uma relação dialogal, onde a angústia patológica tenha o seu reconhecimento e possibilidade de entendimento, a partir do próprio sujeito, e na cair no vazio, nas inferências a priori.”*

José Fonseca, no livro Lacaneando, capítulo 7, 2010, intitulado Interseções entre Moreno e Lacan: a triangulação e o reconhecimento do “Ele”, descreve aspectos do desenvolvimento psicodinâmico numa vertente psicodramática possibilitando-nos uma compreensão moreniana da construção da subjetividade. Partindo da Psicologia relacional, aborda conceitos da relação-separação, instituindo as três instâncias da separação. Descreve a matriz de identidade e o espelho em Moreno, para em seguida, construir reflexões sobre estruturas clínicas, fornecendo um rico material de reflexão teórica, capaz de se tornar útil na possibilidade de buscar um sentido para que “o líquido azul” a que se refere Maria, seja de fato algo a ser considerado como manifestação de sua subjetividade e de sua singularidade, que somente na relação e no encontro poderá tentar resgatar a espontaneidade-criatividade cristalizadas. Conclui o capítulo descrevendo a importância da psicopatologia ao apontar “Este é o espaço que se abre para a discussão de estruturas tipológicas e psicopatológicas da personalidade”.

Concluindo, talvez seja um longo percurso que se tenha a fazer para buscar a singularidade de cada sujeito que deparamos em nossa prática clínica. Em nome de uma falsa espontaneidade-criatividade o que se esconde é um falso-saber, ou de outra maneira, uma presunção de um “suposto-saber” onde cada um se coloca como dono de uma verdade verdadeira. A humildade de se buscar um conhecimento que defina a concepção de sujeito, de como tal construto teórico se atualiza, por mais que essa construção teórica seja reformulada ao passar dos tempos, impõe-se ao fazer psicodramático, principalmente no fazer processual onde a especificidade do sujeito, a sua singularidade, interfere diretamente na relação terapêutica, tornando o encontro algo singular e específico. Os conceitos psicopatológicos e da subjetividade, longe de interferirem no estabelecimento da espontaneidade-criatividade, base de toda ação psicodramática, criam uma condição de possibilidade ao facilitarem uma percepção do locus, status nascendi e matriz de cada sujeito. Facilitam uma compreensão que parte do subjetividade/interioridade para o encontro na relação

Sabe-se que o PSICODRAMATISTA é um sujeito da ação. Apesar da nossa singularidade e da nossa unicidade, os papéis por nos desempenhados nos aproximam uns dos outros, relevando nessa singularidade o que há de universal nos seres humanos. Ter conhecimento dessas semelhanças e dessas diferenças é a condição de possibilidade que fundamenta uma ação profissional responsável e comprometida com o respeito ao outro, que deposita no profissional a esperança de ser correspondido na sua expectativa de ajuda. Possibilitar ao outro a descoberta daquilo que é singular sem perder a sua referência do mundo em que está inserido, descobrir o que lhe torna tão especial mesmo nas diferenciações que sua matriz de identidade lhe aponta faz da ação psicodramática um instrumento único, criativo e específico dentro de um vasto universo teórico, que a princípio teriam objetivos comuns. Atingir os objetivos da proposta moreniana não é uma tarefa fácil, como se poderia pensar os iniciantes ou mesmo aqueles que não aprofundam na filosofia proposta por Moreno; a filosofia do encontro, do momento. Zerka Moreno (2000, p.101) aponta tal dificuldade em seu livro “A Realidade suplementar e a arte de curar, ao descrever a importância do diagnóstico no Psicodrama e a maneira peculiar em que ele (o diagnóstico) se realiza. “O diagnóstico em psicodrama é muito claramente iluminado pelo próprio processo”. Descreve a espontaneidade necessária ao diretor para tomar as “decisões terapêuticas e dramáticas com base nos achados à medida que o psicodrama se desenrola”.

Tais achados, nada mais são do que os diagnósticos realizados a partir da espontaneidade do diretor e da leitura teórica em que se baseia. Fala da necessidade de amadurecimento e “sofisticação” por parte dos iniciantes em psicodrama para compreenderem a construção diagnóstica realizada no desenvolvimento do psicodrama. Diagnóstico, aqui, é tomado no significado que a palavra tem em sua origem grega, isto é, dia-gnóstico – “conhecimento por meio da percepção”, e também, diagnóstico- “retirar o não-saber”. Daí a importância de utilizarmos recursos teóricos que iluminarão a nossa prática. Luz essa que podemos traduzir como razão e conhecimento, que introjados (?) em nosso fazer, tornar-se-ão parte de nossa criatividade e espontaneidade necessária a uma práxis moreniana. Não se espera que a experiência de vida poderá vir um dia a criar essa condição de possibilidade. O compartilhar das experiências descritas em livros, revistas e outros meios de comunicação possibilitará esse amadurecimento e sofisticação de que Zerka Moreno nos fala. O sujeito contemporâneo compreendido em sua subjetividade como um ser cósmico, psicológico, biológico e social, nos motiva a buscar referências teóricas

em disciplinas que apontam para a psicopatologia, aqui compreendida como o estudo do modo de ser no mundo, não apenas de criar etiquetas de identificação, como também reflexões teóricas para tentar alcançar a complexidade da singularidade e universalidade do sujeito que se coloca aberto em possibilidade de encontro télico.

O psicodramatista deverá se colocar em sua prática tal como um navegante solitário em mar aberto. Necessitará saber comandar o seu barco, lançando mão não só da sua intuição em perceber a direção do vento, a posição das estrelas ou o caminhar das nuvens. Precisarásaber um pouco mais do que isso...

Assim, quem sabe, Maria poderá ser auxiliada na descoberta de um novo sentido para sua existência, no resgate da sua fluidez perdida nos desempenhos de papéis cristalizados quem necessitam ser vivenciados e compreendidos, resgatando sua espontaneidade- criatividade, na busca de “dias melhores que virão”...

#### Referência Bibliográfica:

1. Fonseca, José. Psicopatologia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo/ José Fonseca. – São Paulo: Ágora, 2000.
2. Moreno, J.L. Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, Tradução: José Carlos Vitor Gomes. Editora Livro Pleno – Campinas/SP, 1999.
3. Pliszaka, Steven R. Neurociência para o clínico de saúde mental, Tradução: Carlos Alberto Silveira Neto. – Porto Alegre: Artmed, 2004.
4. Moreno, J. L. Psicodrama, Tradução: Álvaro Cabral. Editora Cultrix – São Paulo - 1978
5. Fonseca Filho, José de Souza. Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno/ José Fonseca. 7. ed. Ver. – São Paulo: Ágora, 2008
6. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organização Mundial da Saúde; Tradução: Dorgival Caetano. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1993
7. Garrido Martín, Eugenio. Psicologia do encontro: J. L. Moreno/ Eugenio Garrido Martín; Tradução Maria de Jesus A. Albuquerque – São Paulo: Ágora, 1996
8. Fleury, Heloisa Junqueira; Khouri, Georges Salim; Hug, Edward. Psicodrama e neurociência: contribuições para a mudança terapêutica. São Paulo: Ágora, 2008
9. Moreno, J.L. Quem sobreviverá? : fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama: edição do estudante; tradução Moysés Aguiar; revisão técnica Mariana Kawazoe. – São Paulo: Daimon – Centro de estudos do Relacionamento, 2008.
10. Abreu, José Luís Pio. Introdução à psicopatologia compreensiva – Rio de Janeiro: ABP Ed., 2009.

11. Dalgalarondo, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
12. Cheninaux Junior, Elie. Manual de Psicopatologia – 2. edição – Rio de Janeiro: Guanabara Koongan, 2005.
13. Dias, Victor R. C. S. Psicopatologia e psicodinâmica na análise psicodramática, volume I – São Paulo: Ágora, 2006.
14. Saltini, Cláudio. Flores, Herval Gonçalves. Lacaneando: idéias, sensações e sentidos nos Seminários de Lacan. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
15. Moreno, J. L. As Palavras do Pai; traduzido por Dr. José Carlos Landini e José Carlos Vitor Gomes - Campinas, SP. – Editorial Psy. 1992.
16. Chaui, Marilena. Convite à Filosofia - São Paulo: Editora Ática. 2000.
17. Buber, Martin. Eu e Tu – tradução Newton Aquiles Von Zuben – São Paulo – Editora Moraes. 1974.
18. Plastino, Carlos Alberto. Transgressões – Rio de Janeiro – Contra Capa Livraria, 2002.
17. Moreno, J.L. Psicodrama: terapia de ação & princípios da prática/ J.L. Moreno; em colaboração com Zerka T. Moreno; Tradução José de Souza e Mello Wernwck; revisão técnica Mariana Kawazoe. – São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento, 2006.
18. Jaspers, Karl. Psicopatologia Geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia – Rio de Janeiro, São Paulo – Livraria Atheneu, 1979.
19. Kant, Immanuel. Crítica da Razão Pura – Lisboa – Fundação Calouste Gulbenkian: 1989
20. Abrão, Bernadette Siqueira. História da Filosofia – São Paulo – Editora Nova Cultura, 1999.
21. Wikipedia, 22 de Julho de 2010
- 24-“das estrelas à vida” MARCELO GLEISER Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1309200902.htm>
- 25- Moreno, Zerka T., A realidade suplementar e a arte de curar / Zerka T. Moreno, Leif Dag Blomkvist e Thomas Rützel. [tradução de Eliana Araújo Nogueira do Vale]- São Paulo: Ágora, 2001

26-Andrade, Carlos Drummond de, Nova reunião:23 livros de poesia –vol. 1- Rio de Janeiro:BestBolso,2009.